



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

ANAELSON AMADOR BATISTA

**A VARIAÇÃO LEXICAL EM DOIS CORDÉIS DE PATATIVA DO ASSARÉ: UMA
PROPOSTA DE ENSINO PARA O 7º ANO**

CAJAZEIRAS - PB

2023

ANAELSON AMADOR BATISTA

**A VARIAÇÃO LEXICAL EM DOIS CORDÉIS DE PATATIVA DO ASSARÉ: UMA
PROPOSTA DE ENSINO PARA O 7º ANO**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Letras, do Centro de
Formação de Professores, da Universidade
Federal de Campina Grande – *Campus* de
Cajazeiras-PB — como requisito de avaliação
para obtenção do título de licenciado em Letras.**

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

CAJAZEIRAS - PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

B333v Batista, Anelson Amador.
A variação lexical em dois cordéis de Patativa do Assaré: uma proposta de ensino para o 7º ano / Anelson Amador Batista. – Cajazeiras, 2023.
42f. : il. Color.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2023.

1. Variação lexical. 2. Língua portuguesa - Formação histórica. 3. Cordel. 4. Patativa do Assaré. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Título.

UFCG/CFP/BS CDU – 81'27

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

ANAELSON AMADOR BATISTA

**A VARIAÇÃO LEXICAL EM DOIS CORDÊIS DE PATATIVA DO ASSARÉ:
UMA PROPOSTA DE ENSINO PARA O 7º ANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 24/11/2023

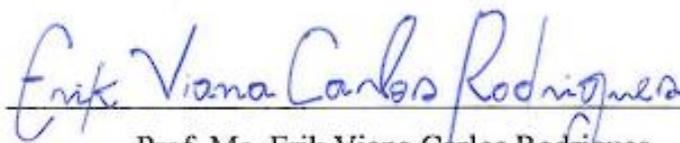
Banca Examinadora:



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Prof.ª Ma. Nadja Claudinale da Costa Claudino
(SEE/PB - Examinadora 1)



Prof. Me. Erik Viana Carlos Rodrigues
(E.E.E.F.M./PB - Examinador 2)

Às pessoas consideradas mais importantes em
minha vida: Minha mãe Ana Batista (*In
memoriam*), ao meu pai Raimundo Amador e à
minha amada esposa Narlanggi Fernandes.

AGRADECIMENTOS

Como em todas as etapas e momentos de minha vida, agradeço, primeiramente, a Deus, por ser tão bondoso e generoso, me concedendo a oportunidade de vivenciar tamanha graça e por estar comigo ao longo deste curso, me dando forças e determinação para superar todos os obstáculos que surgiram no caminho, a Ele minha honra e gratidão.

Aos meus pais, minha amada mãe Ana Batista (*In memoriam*) e meu bondoso pai Raimundo Amador, por toda a educação dada a mim, por todos os esforços enfrentados para me criar no caminho do bem. Tudo que sou é o resultado daquilo que vocês fizeram.

À minha querida companheira e esposa Narlanggi Fernandes, agradeço pelo seu companheirismo, por seu carinho e seu amor que me fortalecem e me fazem cada dia mais buscar novos caminhos para a gente, obrigado por todas as palavras de encorajamento que me fortaleceram.

Ao meu orientador Abdoral Inácio, obrigado pelo seu profissionalismo e pela sua dedicação e responsabilidade, suas orientações foram essenciais para a produção deste trabalho, seu esforço revela quão brilhante é sua docência e seu amor pelo ensino.

A todos os professores que contribuíram com o meu processo de ensino, vocês auxiliaram no meu amadurecimento na graduação, bem como despertaram, ainda mais, a minha vontade em lecionar.

A todos meus amigos, em especial a: Viviane, Paulo e Geovana, que estiveram comigo diretamente durante esses anos, compartilhando saberes, incentivando e oferecendo um ombro amigo nas horas que precisei.

De modo geral, a todos que me ajudaram diretamente ou indiretamente neste percurso, muito obrigado!

“A persistência é o caminho do êxito”

(Charles Chaplin).

RESUMO

A presente pesquisa se propõe a analisar a presença da variação lexical, especificamente, em dois cordéis de Patativa do Assaré. Para isto, definimos como objetivo geral: analisar no cordel a variação lexical a partir da formação histórica da língua portuguesa, e como objetivos específicos: descrever brevemente a formação histórica da língua portuguesa; abordar a variação lexical a partir do gênero cordel; e propor uma Sequência Didática como proposta de ensino para o 7º ano que contemple a importância do cordel para o ensino de Língua Portuguesa. A fundamentação teórica é baseada nas contribuições de Bagno (1999, 2007, 2012), Botelho (2013), Coutinho (2011), e outros que discorrem a respeito do estudo da língua. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a bibliográfica do tipo qualitativa, baseada em materiais já publicados. Como resultados, temos a análise da variação lexical nos dois cordéis, e a elaboração de uma proposta de ensino com o gênero cordel, a fim de inserir e valorizar a cultura popular nas aulas de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: História da Língua. Variação Lexical. Cordel. Ensino.

ABSTRACT

This research aims to analyze the presence of lexical variation, specifically, in two cordels by Patativa do Assaré. To this end, we define the general objective: to analyze the lexical variation in cordel based on the historical formation of the Portuguese language, and the specific objectives: to briefly describe the historical formation of the Portuguese language; address lexical variation based on the cordel genre and propose a didactic sequence as a teaching proposal for the 7th year that addresses the importance of cordel for teaching Portuguese. The theoretical foundation is based on the contributions by Bagno (1999, 2007, 2012), Botelho (2013), Coutinho (2011) and others who discuss the study of language. The methodology used in this research was qualitative bibliographical, based on already published materials. As results of this research, we have the analysis of the lexical variation in the two cordels and the elaboration of a teaching proposal with the cordel genre, in order to insert and value popular culture in Portuguese language classes.

Keywords: History of Language. Lexical Variation. Cordel. Teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura	1	-	Mapa dos pré-romanos na Península Itálica – Século X-VII a.C.....	15
Figura	2	-	Península Ibérica durante a dominação dos Romanos.....	16
Figura	3	-	Testamento de Afonso II (Século XIII).....	21
Figura	4	-	Península Ibérica antes do domínio Romano.....	23
Figura	5	-	Patativa do Assaré.....	30
Quadro	1	-	Sequência Didática.....	36
Tabela	1	-	Declinações do latim clássico.....	17

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- BNCC - Base Nacional Comum Curricular
- CFP - Centro de Formação de Professores
- LC - Latim Clássico
- LL - Língua Latina
- LP - Língua Portuguesa
- LV - Latim Vulgar
- SD - Sequência Didática
- TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
- UAL - Unidade Acadêmica de Letras
- UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 UMA BREVE HISTÓRIA DA LÍNGUA LATINA	15
2.1 CONCEPÇÕES ACERCA DO LATIM CLÁSSICO E DO LATIM VULGAR.....	15
2.2 DO GALÊGO-PORTUGUÊS AO PORTUGUES CONTEPORÂNEO	20
2.3 A VARIAÇÃO LEXICAL E OS METAPLASMOS.....	22
2.4 A HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NA PENÍNSULA IBÉRICA.....	23
2.5 CHEGADA DOS PORTUGUESES AO BRASIL	25
3 O ENSINO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA SEGUNDO A BNCC	26
3.1 A VARIAÇÃO LEXICAL NO GÊNERO CORDEL: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SUAS OCORRÊNCIAS.....	26
4 A PRESENÇA DA VARIAÇÃO LEXICAL EM DOIS CORDÉIS DE PATATIVA DO ASSARÉ	30
4.1 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO.....	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

O Nordeste é uma região na qual a propagação de sua cultura ocorre especialmente através da literatura de cordel. Por este motivo e por sermos simpatizantes desta literatura, resolvemos desenvolver uma pesquisa que aborde a literatura de cordel e sua importância na cultura popular, principalmente na perspectiva de inserir a temática em possíveis estratégias de ensino de Língua Portuguesa, doravante (LP), que podem ser utilizadas em sala de aula de maneira contextualizada.

Por este viés, esta pesquisa busca inserir a riqueza da poesia popular no ambiente escolar por percebermos a relevância da literatura de cordel, especialmente a poesia de Patativa do Assaré, que é trabalhada nesta pesquisa, *a priori* com os cordeis intitulados como “*Eu e o sertão*” e “*O poeta da roça*”, a partir de outros questionamentos do porquê de outros textos literários considerados não canônicos não serem objetos de estudo no ambiente escolar, além da possibilidade de análise das variações lexicais a partir dos metaplasmos. Embasados na ideia de que a literatura de cordel pode ter um importante papel no trabalho de conscientização dos nossos educandos e que valorizar a nossa cultura regional é manter viva a história do nosso povo, com esta valorização é possível um efetivo ensino da língua tornando-se mais contextualizado e significativo.

Levando em consideração que o estudo da língua pode ser feito além da norma padrão, assim, a literatura de cordel pode ser utilizada como uma estratégia para compreendermos o fenômeno da variação linguística, visto que a variação lexical pode ser motivo de preconceito linguístico, a partir de aspectos socioculturais. Nesse sentido, a obra do poeta Patativa do Assaré demonstra que a beleza de sua poesia vai além do uso da norma culta, revelando a importância da valorização da maneira como o falante se expressa nos variados contextos e diferentes situações.

Guiados pela perspectiva de que a literatura de cordel é bastante utilizada como forma singela que manifesta críticas, pensamentos políticos e participativos, propomos os estudos a respeito da problemática de: Como tratar sobre o léxico da LP sem considerar que a língua é resultante de um processo histórico, e por isso se deve considerar a influência direta do latim, especialmente na formação do léxico, a partir do cordel de Patativa do Assaré, a fim de evitar a propagação do preconceito linguístico?

Assim, partimos do pressuposto que a dificuldade de considerar a variação lexical nos cordeis de Patativa do Assaré como uma possibilidade de valorizar o uso da língua que não é considerada padrão e por isso menos prestigiada, contribui para o preconceito linguístico.

Assim, faz-se necessário inserir no ambiente escolar esse tipo de abordagem sobre a variação lexical, visto que, muitas vezes, está ausente no ensino da LP.

Esta pesquisa se justifica por trazer reflexões acerca da ocorrência de muitas vezes no ambiente escolar, a norma culta ser a única a ser considerada, provocando um desprestígio em relação a algumas variedades linguísticas, consideradas não cultas, por isto a necessidade de inserir o cordel nas rotinas pedagógicas dos discentes, a fim de ter a sala de aula como um ambiente que respeite e valorize os usos diversificados da língua.

Neste sentido, definimos como objetivo geral da presente pesquisa: analisar no cordel a variação lexical a partir da formação histórica da LP, e para alcançarmos este objetivo, definimos os seguintes objetivos específicos: descrever brevemente a formação histórica da LP; abordar a variação lexical em um cordel de Patativa do Assaré e propor uma Sequência Didática como proposta de ensino para o 7º ano, que contemple a importância do cordel para o ensino de LP.

A metodologia utilizada nesta pesquisa se classifica como bibliográfica, visto que, de acordo com Prodanov (2013), a pesquisa bibliográfica é construída a partir de obras publicadas, livros, teses, artigos e outros materiais que apresentam uma teoria acerca do que aqui é refletido. E com abordagem qualitativa, pois, de acordo com Prodanov (2013, p. 70) “a pesquisa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”.

Para a base teórica desta pesquisa, elencamos alguns teóricos que abordam a temática, como: Bagno (1999, 2007, 2012), Botelho (2013), Coutinho (2011), Câmara Jr. (1979), e outros que apresentam discussões essenciais para o desenvolvimento do estudo que se alarga para a compreensão a respeito da história da língua.

A pesquisa foi construída a partir de duas etapas essenciais, primeiro o levantamento de dados bibliográficos, para nos aprofundarmos e formularmos melhor o conhecimento, depois a redação da teoria que se conclui com uma proposta de ensino que busca inserir o cordel em sala de aula, visando a valorização da variação linguística, especialmente lexical.

A fim de estruturar a presente pesquisa, organizamos da seguinte forma: o primeiro capítulo busca descrever e pontuar as considerações iniciais, bem como os objetivos, justificativa e a problemática juntamente com as hipóteses que guiam este estudo. No segundo capítulo, apresentamos um breve histórico da língua latina, doravante (LL), pontuando as questões essenciais que demonstram este percurso.

O terceiro capítulo descreve a história da LL na Península Ibérica a fim de contextualizar como esta língua foi utilizada e como ela se propagou. No quarto capítulo, descrevemos a formação da LP no Brasil e como essa se originou e foi disseminada em terras brasileiras.

O último capítulo dispõe da análise de dois cordéis de Patativa do Assaré, e de uma proposta para o 7º ano do Ensino Fundamental contendo uma sequência didática (SD) como estratégia de que insere o gênero cordel na sala de aula e valoriza a importância de como trabalhar a valorização da variação linguística. Por fim, as considerações finais acerca das contribuições do cordel para o desenvolvimento do aprendizado de LP.

2 UMA BREVE HISTÓRIA DA LÍNGUA LATINA

Para compreendermos as variações linguísticas, é preciso analisarmos todo o percurso histórico da Língua Portuguesa, doravante LP, visto que tem a sua origem no latim, a língua dos romanos, que pertence à família das línguas indo-europeias, que é a representação de uma vasta família de grupos de línguas faladas no oeste da Ásia.

Neste capítulo, abordamos, de maneira sucinta, um breve histórico da LL, descrevendo as particularidades do latim clássico, doravante (LC), e do latim vulgar, doravante (LV), as questões que envolvem o galêgo-português e o português moderno, e para complementar, expomos a relação da variação lexical e dos metaplasmos.

2.1 CONCEPÇÕES ACERCA DO LATIM CLÁSSICO E DO LATIM VULGAR

De acordo com Bagno (2007), o latim perdurou por muito tempo, sendo considerada a língua oficial do Império Romano. Na imagem abaixo, podemos perceber que, nesta época, a Península Itálica já era habitada por diversos povos.

Figura 1 - Mapa dos pré-romanos na Península Itálica – Século X-VII a.C.



Fonte: Imagem Google (2023).¹

¹ Disponível em: <https://images.app.goo.gl/bn54q4Jy4A4DzSw67>. Acesso em: 02 nov. 2023.

Observamos no mapa que a localização da Península Itálica foi estratégica para que os povos pré-românicos se expandissem, entretanto, dentre eles, somente os romanos conseguiram dominar não só os povos da península, mas também de outras regiões, levando a sua língua e sua cultura aos territórios conquistados.

Nesse sentido, a implementação do latim no vasto Império Romano se deu a partir do território itálico, através das conquistas militares. Esse processo ocorria de maneira que o soldado divulgava a sua língua, assimilava a pronúncia dos povos nativos e, nesse processo de interação, havia uma mudança gradativa do latim até se transformar nas línguas neolatinas. Desse processo de interação, formou-se o que conhecemos como um latim heterogêneo. Por isso,

O latim vulgar era corrente entre as diversas classes da sociedade romana, ou seja, falado pela classe média (familiar), classe baixa (plebeu), soldados (castrense), marinheiros (náutico), operários (proletário) e camponeses (rural). Com essa diversidade apresentava diferentes aspectos, os quais configuraram a sua designação que não conceitua uma língua, mas um agrupamento de falares de vários tipos (Souza; Pena, 2020, p. 18).

A partir das reflexões tecidas pelos autores, compreendemos a divisão feita pelos romanos na Península. Desta forma, a origem das línguas românicas advém do latim, que foi levada de Roma e da Itália para todo o resto do Império. A língua levada às regiões conquistadas não foi o LC ou cultural, mas a variação que era falada pela população que não dominava a escrita.

Figura 2 - Península Ibérica durante a dominação dos Romanos



Fonte: Imagem Google (2022).²

² Disponível em: <https://images.app.goo.gl/zMzCzYxyjXi33ne8A>. Acesso em: 02 nov. 2023.

Como observamos na figura 2, temos a ocupação romana no território ibérico. Nesse período, a Península é dividida em duas províncias: a Hispânia Citerior e a Hispânia Ulterior. De acordo com Assis (s.d., p. 116), “a romanização da Península não se deu de maneira uniforme, mas gradativamente, o latim foi-se impondo, fazendo praticamente desaparecer as línguas nativas”.

Mediante esta ocupação romana no território ibérico, percebemos que foi um processo gradativo e como resultado ocorrem as mudanças na língua. Desta forma, compreendemos de fato que o contato entre línguas e culturas diferentes resultaram na origem da LP.

Nesse sentido, Marinho (2009, p. 41) destaca que:

O latim literário era, na verdade, o ideal linguístico, expressão da língua latina que aparecia na literatura de grandes autores, como Cícero ou Virgílio. Seria a língua gramatical, que, com efeito, não é falada por ninguém. A realidade linguística é a fala, com suas variações diatópicas, diastráticas e, até mesmo, diafásicas.

De acordo com as concepções do autor, as variações diatópicas estão relacionadas ao local em que cada falante vive. Já a variação diastrática é considerada a variação presente na convivência entre os grupos sociais, e a variação diafásica é considerada uma variação estilística, a utilização dos diferentes usos dos recursos linguísticos que os seres humanos usam de acordo com o contexto de uso efetivo na fala.

Nessa perspectiva, é evidente que já no LC havia uma distinção entre a escrita e a fala, visto que a escrita era conhecida apenas por uma pequena parte da população, por outro lado a língua falada pelas pessoas que não dominavam a escrita apresentava variações, de acordo com a classe social, além de outros fatores.

Ainda sobre a variação linguística, Camara Jr. (1979, p. 383) discorre que:

A variação linguística é a consequência da propriedade da linguagem de nunca ser idêntica em suas formas através da multiplicidade do discurso (v.). Essa variação real é compensada por uma invariabilidade imanente, que faz de cada realização, a rigor diferente de qualquer outra, a apresentação de uma invariante dos discursos há invariabilidade de um modelo, a que essa variação se refere, e cujo sistema constitui a língua [...].

Desta maneira, a partir da visão do autor, concluímos que a propriedade da linguagem é sempre de se apresentar sob formas variadas, pois advém dos múltiplos discursos emitidos por falantes distintos, assim, apresentam uma variação de acordo com suas vivências, como já fora mencionado anteriormente, de acordo com o contexto que estão inseridos.

Ainda nessa perspectiva, Cereja e Magalhães (2015, p. 15) destacam que:

Enquanto a língua das classes cultivadas (o latim clássico) se tornava cada vez mais uniforme sob a influência estabilizadora da cultura e do aprendizado, a língua do povo (o latim vulgar) se tornava cada vez mais diversificada na medida em que se disseminava com a expansão do vasto Império Romano. O latim clássico se tornava uma língua morta, enquanto o latim vulgar se desenvolvia nas chamadas línguas neolatinas ou românicas.

A partir dessa visão, é evidente de que há uma diferença significativa entre a língua normativa, considerada homogênea, portanto ensinada na escola, e a língua falada, que é heterogênea e, por isso, apresenta variações a partir da interação em diferentes ambientes e o uso de falantes diversificados, como classe social, nível de escolaridade etc.

Ainda nesse sentido, temos a visão de que: “Nesse período, acredita-se que o latim vulgar apresentou uma relativa uniformidade em uma grande área geográfica que correspondia à boa parte da Europa ocidental” (Ilari; Basso, 2009, p. 17). De acordo com esta análise, enxergamos a diferenciação entre o LC e o LV, a propósito do LC ser sempre utilizado, especialmente, na escrita literária; já o LV ser a representação da linguagem do povo, que utilizava para troca de ideias e no uso efetivo de comunicação, sem preocupações com as regras gramaticais do ponto de vista normativo.

Por este viés, Gonçalves (2009) aborda que o latim culto que era falado pela classe culta e dominante de Roma, diferentemente do LV que era falado por quem não dominava a escrita. Outro fator a ser destacado é de que o latim é a língua utilizada como língua oficial da Igreja Católica. É importante ressaltarmos que o LC e o LV não eram línguas distintas, mas apenas eram utilizadas em contextos e situações distintas, a exemplo de casos em que as pessoas que dominavam o LC, em algumas situações, utilizavam do LV, pois mudava de acordo com o contexto de uso.

Desse modo, consideramos que o LC também estava sujeito a modificações, visto que era a língua das classes cultas e, por isso, tinha influência na cultura e na aprendizagem, enquanto a língua considerada do povo era marcada pela diversidade à medida que o grande Império Romano se expandia.

Emergidos pela ideia de que o LC prezava pelas regras, que, segundo Bagno (2007), acentua que era a representação da língua sintética, aquela oriunda de funções sintáticas das palavras através das desinências de seis casos, de cinco declinações e de três gêneros. No LC, as declinações eram distribuídas em seis casos, como podemos ver na tabela abaixo:

Tabela 1 - Declinações do latim clássico

Declinationes (sg.)								
Caso	1 f.	2 m.	2 n.	3 m./f.	3 n.	4 m.	4 n.	5 f.
Nom.	-a	-us	-um	-?	-?	-us	-u	-es
Voc.	-a	-e	-um	-?	-?	-us	-u	-es
Acc.	-am	-um	-um	-em	-?	-um	-u	-em
Gen.	-ae	-i	-i	-is	-is	-us	-us	-ei
Dat.	-ae	-o	-o	-i	-i	-ui	-u	-ei
Abl.	-a	-o	-o	-e	-e	-u	-u	-e

Fonte: Imagem *Google* (2023).³

Podemos compreender que, a partir das terminações, identificamos a qual declinação cada palavra pertence, bem como sua função sintática era indicada por seis casos. Segundo o pensamento de Cardoso (s/d), o LC procurava empregar as palavras sinônimas, por exemplo, utilizava as palavras *grandis e magnus*; a palavra *grandis* era o material, tamanho físico, e *magnus* era o moral, intelectual. No LV, confundiu essa diferença de significado, abandonou-se *magnus* e, assim, *grandis* manteve os dois significados. Como mencionado, o LV estava ligado à oralidade, como também estava mais próximo do povo.

Baseados em Coutinho (2011), ressaltamos que o LC é considerado como a variação da norma culta, tendo como característica principal, o vocabulário mais erudito, sintaticamente era estruturado pelo rigor de regras sintática de acordo a terminação dos casos que identificavam a função sintática. Isso está configurado nas obras literárias dos escritores latinos do período clássico, além de ser uma escrita que busca a perfeição, tendo em vista que

A tradição começa em Roma no século III a. C, com o aparecimento dos primeiros escritores: Livio Andronico, Cneu Névio, Enio. Antes, o que havia eram simples inscrições de nulo valor literário. O período de ouro do latim clássico é representado pela época de Cícero e Augusto. É então que aparecem os grandes artistas da prosa e do verso, que levam a língua ao seu maior esplendor (Coutinho, 2011, p. 29).

O autor enfatiza que a tradição da literatura em Roma é expandida de forma particular,

³ Disponível em: <https://images.app.goo.gl/7xaFHX2hKG3UzPGu8>. Acesso em: 02 nov. 2023.

especialmente através do uso literário, por isso a busca por uma escrita correta e perfeita, visando a utilização perfeita do vocabulário mais erudito. Nesse sentido, o LC é a língua utilizada por autores, poetas e artistas da prosa, principalmente entre os séculos I a.C. e I d.C., considerado o período de ouro da língua e literatura latinas.

Ademais, e seguindo nesta mesma linha de pensamento que concede reflexões a respeito destas modificações, é perceptível que:

A princípio, o que existia era simplesmente o latim. Depois, o idioma dos romanos se estiliza, transformando-se num instrumento literário. Passa então a apresentar dois aspectos que, com o correr do tempo, se torna dois aspectos da mesma língua. Um surgiu do outro, como árvore da semente (Coutinho, 2011, p. 29).

À medida que o latim se tornava a língua oficial nos territórios conquistados, os costumes, a cultura, eram assimilados e passavam a ser utilizados. Neste cenário, escolas foram fundadas, instituições e espaços diversos onde o latim era utilizado como língua oficial, passando a ser ensinado e usado, como resultado dessa interação foi se disseminando e suplantando às demais línguas faladas nesses territórios.

Ademais, torna-se importante frisarmos que, em se tratando de percurso histórico, compreender de fato as diferenças que abarcam o LC e o LV e, posteriormente, o percurso da língua do português galego ao português moderno. Os estudos que envolvem a LL ao longo do tempos englobam também sua utilização na ciência, filosofia, direito e demais áreas, bem como é a língua oficial da Igreja Católica até os dias atuais.

2.2 DO GALEGO-PORTUGUÊS AO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Não são muitos os registros que apresentam fundamentação acerca do galego-português, mas sobretudo é através da origem no processo de formação advindo do latim que podemos compreender o processo evolutivo do português. Por esta razão, Nunes (2018, p. 23) pontua que:

Sobre a história da língua galega, o pouco que nos chega é por iniciativa portuguesa, por isso é interessante dedicar olhares para a Galíza e o que dizem os galegos, ao menos para que a leitura não se torne unilateral. Mesmo por que a língua está viva e em pleno exercício de sua vitalidade, nas ruas, comércio, indústrias, escolas, universidades. Ouvi-los, estudar o que dizem, perceber suas paixões e pensamentos acabará por ajudar a construir uma percepção mais próxima da realidade do idioma galego.

Esta questão, destacada pelo autor, revela que o conhecimento da língua galega contribui para a compreensão do processo evolutivo da história da LP, de modo que, mesmo com poucos registros, através da sua vivacidade de uso no comércio, e em outros locais através da oralidade, e de sua grafia, que era classificada como totalmente fonética, é possível percebermos a influência do latim.

Em paralelo com o exposto acima, temos características do galego-português a partir das concepções de Assis (s/d, p. 129), “no galego-português a grafia era essencialmente fonética, com raras escritas etimológicas, discorrendo daí grafias diferentes para as mesmas palavras”. O que mostra que o galego-português, especialmente na escrita, era predominantemente fonética, pelo fato de haver um esforço da representação na escrita pelo que se ouvia na fala.

A seguir, apresentamos um texto que demonstra especificidades do português utilizado na região no período de formação da LP.

Figura 3 - Testamento de Afonso II (Século XIII)



En'o nome de Deus. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, sendo sano e saluo, temête o dia de mia morte, a saude de mia alma e a proe de mia molier raina dona Orraca e de me(us) filios e de me(us) uassalal e de todo meu reino fiz mia mãda p(er) q(ue) de/pos mia morte mia molier e me(us) filios e meu reino e me(us) uassalal e todas aq(ue)las cousas q(ue) De(us) mi deu en poder sten en paz e en folgãcia. P(ri)meiram(en)te mãdo q(ue) meu filio infante don Sancho q(ue) el da raina dona Orraca agia meu reino enteg(ra)m(en)te e en paz. E ssi este for/morto sen semmel, a maior filio q(ue) ouuer da raina dona Orraca agia o reino entegram(en)te e en paz. E ssi filio barõ nõ ouuermos, a maior filla q(ue) ouuermos agia'o ...

Fonte: Assis (s/d, p. 129).

A partir do texto, vemos que o testamento de Afonso II apresenta a representação de características linguísticas que resultam nesta passagem do latim para o galego-português e pode ser ilustrado com os exemplos de *Semmel* (descendentes), que vem do latim *semen*, que

significa origem, a palavra (temete) com a falta da letra *n*, mas com o til indicando a nasalidade, a palatização da palavra *filio* sem lh. O documento atualmente encontra-se no Tombo, em Portugal, um material de valor histórico, que possibilita a compreensão deste percurso e colabora para os estudos linguísticos sobre a evolução e a variação da língua. A seguir, apresentamos algumas variações que ocorreram do latim para o português.

2.3 A VARIAÇÃO LEXICAL E OS METAPLASMOS

Em decorrência da análise através do percurso histórico, é perceptível que Roma foi estabelecendo não só o domínio político, mas também o domínio linguístico, porém, com a queda do império no ocidente, em 476 d.C., a língua passou por diversas mudanças, chegando a ser fragmentada. Assim o LV foi se desenvolvendo de forma separada, dependendo da região.

Ao mencionarmos essas tantas modificações ocorridas, uma de forte impacto é a modificação fonética, na qual as palavras sofrem alterações, porém não alteram o sentido. Esse processo é chamado de *metaplasmos*. Nesse sentido, Bagno (2007) ressalta que os metaplasmos é o resultado de uma mudança diretamente na estrutura de uma palavra, sem alterar o sentido, podendo ser por acréscimo, remoção ou deslocamento dos sons.

Por este viés, colocamos em questão os metaplasmos, cujo objetivo é pontuar uma modificação fonética de uma palavra, podendo ser de várias formas e que ocorrem dentro da estrutura da palavra.

Bagno (2012) explica que os metaplasmos por acréscimo são classificados em três: prótese, que resulta em um seguimento sonoro no início da palavra, por exemplo, arrecife (recife); o segundo tipo é epêntese, um acréscimo de um seguimento sonoro no interior da palavra, como, por exemplo, stella (estrela); e paragoge, um seguimento sonoro presente no final da palavra, por exemplo, variz (varize).

Os metaplasmos por supressão são divididos em cinco formas: *aférese*, *síncope*, *apócope*, *crase* e *sinalefa*. A *aférese*, como ilustrado no exemplo: acume (gume), ocorre com a perda de um seguimento sonoro no início da palavra; a *síncope* ocorre com a queda de um seguimento sonoro no meio da palavra, exemplo: *calidus* (*caldus*); e a *apócope* ocorre quando há a queda de segmento sonoro no fim da palavra, exemplo: mare (mar).

Por conseguinte, a crase ocorre pela junção de duas vogais iguais, e a sinalefa é representada pela queda da vogal no final da palavra.

Os metaplasmos por transposição ocorrem quando há um deslocamento de um

determinado seguimento sonoro na mesma sílaba chamado de *metátese*, por exemplo: *semper* (sempre), enquanto o deslocamento de um seguimento de uma sílaba para outra é reconhecido como *hipértese*, a exemplo de *largato* (lagarto). Dentro do metaplasmo por transposição, temos o *hiperbibismo*, reconhecido como o deslocamento do acento tônico. São divididos em: *diástole*, ocorre quando o acento tônico avança para a sílaba seguinte, por exemplo, *óceano* (oceano), e *sístole*, que ocorre quando o acento recua, a exemplo de *benção* (bênção).

Tratando-se dos metaplasmos por *transformação*, estes podem ocorrer por diversas formas. De início, podemos citar a *vocalização*, que é a transformação de uma consoante em vogal, enquanto a *consonantização* é a transformação de uma vogal em consoante, a exemplo de: *Iesus* (Jesus). A *nasalização* é a transformação do seguimento oral em nasal, a exemplo de: *ingual* (igual). A *sonorização*, por exemplo: *guspir* (cuspir), acontece quando uma consoante surda é transformada em uma consoante sonora homorgânica; a *palatização* família (família), ocasionada pela transformação de um ou mais segmentos numa consoante palatal; a *apofonia* é a mudança de timbre de uma vogal por influência de um prefixo: *in + aptu* (inepto); a *metafonia* é a mudança do timbre de uma vogal por influência do timbre da vogal ou semivogal seguintes: *totu* (tudo); a *assimilação* é a mudança de um segmento sonoro num segmento igual ou semelhante a outro existente na mesma palavra: *ipso* (isso); e a *dissimilação* é a diferenciação entre dois fonemas iguais: *rodondo* (redondo).

2.4 A HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NA PENÍNSULA IBÉRICA

Figura 4 - Península Ibérica antes do domínio Romano



Fonte: Imagem Google (2023).⁴

⁴ Disponível em: <https://images.app.goo.gl/CHwMTVhjKivAiSm29>. Acesso em: 02 nov. 2023.

Observando o mapa acima, da Península Ibérica antes do domínio romano, compreendemos que a Península Ibérica contava com uma diversidade de povos que ocupavam toda a referida região antes da chegada dos romanos. Outra questão a ser destacada é a maior dominância de alguns grupos comparados a outros, a exemplo dos celtas e dos iberos.

Deste modo, o latim estava consolidado no território e, mesmo depois da invasão dos bárbaros no território Ibérico no século V d.C., esse panorama não se modificou, a exemplo dos suevos, dos vândalos, dos visigodos, dos alanos e de outros povos.

Nas discussões anteriores, pontuamos a respeito da língua portuguesa ser considerada uma língua dinâmica, que como já fora exposto, se originou do latim vulgar na Península Ibérica e, posteriormente, se propagou no mundo através da expansão ultramarina de Portugal. Com o passar do tempo, a LP passou a ser influenciada por outras línguas e culturas, tendo como resultado as alterações fonéticas, morfológicas e sintáticas na sua formação.

Para compreendermos a relação da LP na Península Ibérica, precisamos associar ao processo de povoamento. De acordo com Assis (s/d), os cartaginenses tinham como seu plano principal a dominação de toda aquela dimensão de território, visando, de fato, todas as riquezas ali existentes.

Esta ocorrência é considerada uma grande ameaça, e com esta possível dominação, os celtiberos recorreram aos romanos, com um pedido de ajuda. Assim, os romanos utilizaram da estratégia de invasão à península, o que resultou em três guerras chamadas púnicas, entre 264 e 146 a.C. Então, este contato entre os celtiberos com os romanos resultou em os celtiberos adotarem a língua e os costumes dos romanos deixando, assim, um cenário diferente, como pontua o pensamento de Assis, visto que:

Antes do estabelecimento do domínio romano na região, os povos que a habitavam a península eram numerosos e apresentavam língua e cultura bastantes diversificadas. Havia duas camadas de população muito diferenciadas: a mais antiga – Ibérica – e outra mais recente – os Celtas, que tinham o seu centro de expansão nas Gálias. Muito pouco se conservou das línguas pré-românicas (Assis, s/d, p. 115).

Por esse viés, temos uma noção ampla sobre as mudanças ocasionadas pelo estabelecimento do domínio romano na região descrita, a priori, pelo número de habitantes, que era considerado maior, e seus costumes, a exemplo da língua e cultura que eram bastante diversificadas, mesmo assim predominaram a língua, a cultura e a religião dos romanos.

De acordo com Cardoso (s/d, p. 166):

O latim chegou à Península Ibérica com prestígio de língua oficial. Levado pelos legionários, colonos, comerciantes e funcionários públicos romanos, impôs-se e expandiu-se. Esse latim, entretanto, era o *sermo vulgaris, plebeius* ou *rusticus*. O latim escrito mantém-se como a única língua da cultura, o latim falado transforma-se e diversifica-se.

Todavia, é importante nos atentarmos para o fato de que o latim que chegou à Península Ibérica foi o LV e não o clássico, isto porque o LV está intimamente relacionado à comunicação do dia a dia, que era utilizada não só entre os nativos e os romanos, mas também na forma escrita. Além disto, é importante ressaltarmos que esse latim foi trazido especialmente pelos soldados, comerciantes e outras classes sociais que só utilizavam o LV.

2.5 CHEGADA DOS PORTUGUESES AO BRASIL

De acordo com as reflexões de Campos (1991), é importante considerarmos a não existência de documentos que forneçam provas concretas sobre a cultura dos povos nativos do Brasil, antes da chegada dos portugueses, mas estudos mais recentes tendem a mostrar o caráter intencional da chegada dos primeiros portugueses ao Brasil. Com isso, a Coroa portuguesa sabia da existência das terras nesta parte do mundo, a priori, após a viagem de Colombo, em 1492.

Diante deste fato, compreendemos a longa negociação de D. João II com a Espanha que, em 1494, teve como resultado a divisão do território da América através do Tratado de Tordesilhas. Assim, a Colonização oficial efetivada pelos portugueses, deu-se depois desse acordo. Nesse sentido, Campos (1991) aborda que este projeto de expansão marítima dos europeus surgiu com o objetivo da busca por território e por riquezas.

Deste modo, como consequência dessa busca de poder e de riqueza, e sem a presença de um projeto metodológico de colonização ou de empreendedorismo fixo para futuras terras conquistadas, os responsáveis, ou seja, os exploradores se apoderaram das novas terras e com isso, resultou em violência, morticínio e desprezo pela cultura dos povos nativos.

Com relação ao ensino, esta temática está presente nas aulas de LP, e ancorada, principalmente, pelo documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No capítulo a seguir, trataremos de como a BNCC aborda a variação linguística no ensino.

3 O ENSINO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA SEGUNDO A BNCC

A BNCC, é um documento voltado para toda a Educação Básica, desde o Ensino Infantil até o Ensino Médio, que apresenta as habilidades e competências destinadas para cada fase do ensino e abordando eixos primordiais, o que o torna documento de fundamental importância de conhecimento para todos que compõem a educação, a priori, os docentes em exercício.

Na BNCC (2018), podemos observar as competências e habilidades que são o foco do documento, através de uma abordagem da língua a partir de uma nova visão da sociolinguística, de modo que o foco das noções de certo ou errado ligado ao ensino normativo é deixado para trás, e volta-se para a construção de um ensino baseado em um currículo de investigação dessa variação.

No componente LP, do Ensino Fundamental, a proposta de currículo não se detém ao ensino normativo, mas às particularidades do ensino da leitura e da escrita, através de práticas que buscam formar um sujeito crítico e reflexivo na sociedade. Assim, na BNCC (2018), no eixo da oralidade, temos a orientação de que as práticas de linguagem se realizam a partir das práticas sociais orais. No tópico mencionado, conseguimos visualizar o trabalho com a variação linguística, pois sugere que ele apresente diferentes gêneros orais e escritos, baseados nas situações comunicativas.

Com isso, a pesquisa com a variação linguística, através da oralidade, busca desconstruir as ideias de preconceito, bem como a neutralização dos estigmas, visto que os alunos têm a oportunidade de realizar atividades de leitura e escrita a partir de perspectivas de retextualização, adequando de acordo com cada contexto, o que nos mostra de maneira clara como a variação linguística está presente.

Neste caminho, a BNCC orienta sobre o objeto de conhecimento Variação Linguística, que vai além da norma padrão, através das práticas de linguagens, mostrando, assim, a necessidade da inclusão e da importância da realização deste trabalho em sala de aula, visto que cria novos horizontes de ensino e novas possibilidades de valorização da língua.

3.1 A VARIAÇÃO LEXICAL NO GÊNERO CORDEL: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SUAS OCORRÊNCIAS

Sabemos que a variação lexical perpassa pelos inúmeros gêneros que circulam no nosso dia a dia, e isto se manifesta de maneira explícita e perceptível nos contextos de uso da língua,

pois os gêneros são resultados das múltiplas formas de comunicação. Mas, também é importante salientar que cada gênero apresenta suas particularidades e com o cordel, acontece da mesma forma. A seguir, veremos como a variação lexical está presente no cordel, a priori em dois cordéis de Patativa do Assaré.

As discussões a respeito da variação linguística são relevantes quando estamos discutindo sobre escrita e leitura, pois sabemos que esta ideia está presente nas diferentes esferas da sociedade e merece cada vez mais ser refletida, a fim de evitar certos estereótipos que, atualmente, ainda estão presentes na sociedade, especialmente, no ambiente escolar.

Cientes desta forte relação entre língua e sociedade, devemos compreender que este envolvimento advém das relações que mantemos com o outro, das diferentes formas de comunicação que estão presentes e surgem a partir desta troca nos variados contextos de uso da língua na sociedade.

Nesta linha de pensamento, Bagno (1999, p. 16) declara que:

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo de ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes – é preciso mostrar, em sala de aula e fora dela, que a língua varia tanto quanto sociedade varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece aos seus falantes [...].

Desta forma, não podemos, em hipótese alguma, considerar a língua como algo estanque, pois percebemos a importância de conhecermos as variações dela nos diversos contextos sociais, e como falantes se comunicam de forma diferente, e como essas marcas trazem consigo conhecimentos prévios adquiridos a partir das relações interpessoais.

Devido a esta questão é que a escola deve estar atenta para seu público e, assim, pensar no ensino de maneira contextualizada, sem exceção, e sem exclusão sobre as formas variadas de uso da língua, visto que a escola insiste em manter velhas práticas que vão contra todo esse envolvimento e valorização das variações linguísticas.

De acordo com Antunes (2007, p. 104), “a língua só existe em sociedade, e toda sociedade é inevitavelmente heterogênea, múltipla, variável e, por conseguinte, com usos diversificados da própria língua”. Assim, a escola deve ter como um de seus objetivos a valorização da variação linguística, de modo que esta seja ensinada em sala de aula, mostrada

como prática viva nas atividades escolares e, portanto, deve ser respeitada.

Nessa perspectiva, Camara Jr. (1980, p. 383) pontua que:

A variação linguística é a consequência da propriedade da linguagem de nunca ser idêntica em suas formas através da multiplicidade do discurso (v.). Essa variação real é compensada por uma invariabilidade imanente, que faz de cada realização, a rigor diferente de qualquer outra, a apresentação de uma invariante dos discursos há invariabilidade de um modelo, a que essa variação se refere, e cujo sistema constitui a língua [...].

Já que um dos pontos cruciais da discussão sobre a variação linguística é sua relação viva com a sociedade, devemos considerar que ela é resultado da interação, visto que falantes manifestam marcas que revelam aspectos que dizem respeito aos contextos sociais diversos, nos quais estão inseridos. Assim, o cordel que é uma manifestação da cultura do nordeste que reflete essas marcas da oralidade dos seus falantes também na escrita. Assim, para analisarmos, devemos considerar os aspectos de sua história e de seus usos, o que torna o cordel um gênero essencial para o ensino e valorização da variação linguística. Por isso,

as variantes linguísticas como variações da língua portuguesa e não como desvio da norma padrão [...] conseguimos valorar a cultura brasileira que é ricamente representada em cada pedacinho do nosso país. Atribuindo valor aos diferentes falares que são resultantes de cada região (Fernandes, 2013, p. 29).

Deste modo, essa discussão ainda está distante das rotinas pedagógicas em sala de aula. Nesse sentido, devemos considerar a possibilidade de um estudo que não esteja direcionado apenas para a norma culta, que é a mais cobrada em sala de aula e que, muitas vezes, é motivo de queixa por parte dos alunos pelo nível de complexidade, mas que seja contextualizada de acordo com o uso efetivo.

Neste contexto, o gênero cordel é a representação desta relação da variação linguística com a poesia popular, pois, ao ser levado à sala de aula, traz a valorização da variação da língua. Além disso, permite que o professor desenvolva atividades que podem ser lidas ou cantadas e, além disso, podem ajudar a identificar as marcas da oralidade contidas no texto.

Aqui, vale dar uma ênfase para a importância deste ensino, visto que se trata de um gênero que aborda várias temáticas da sociedade, e por isso alguns alunos já podem ter tido contato através de um parente, porém não sabia da importância deste estudo para a leitura, escrita ou outros fins. Pois, na escola, na maioria das vezes, não são explorados e, de certa forma, vão sendo apagados da cultura da nova geração a valorização desse tipo de poesia.

Diante disso, Silva (2010, p. 309) aborda a respeito da literatura de cordel, destacando

que:

Os temas abordados envolvem desde a ficção até temas de cunho social, discutidos pela sociedade. Entre eles, podemos destacar: histórias de amor e aventuras (heroísmo), histórias fantásticas, biografias, fome, violência, acontecimentos políticos, assassinatos de pessoas famosas (Getúlio Vargas e Tancredo Neves), problemáticas sociais, etc. [...].

Portanto, o ensino que considere o cordel como ferramenta de ensino vai de encontro tanto à valorização deste tipo de produção quanto ao desenvolvimento das habilidades necessárias ao conhecimento efetivo da variação linguística, ou seja, possibilita que a leitura e a escrita sejam trabalhadas de maneira contextualizada e, assim, os alunos consigam perceber que o ensino e a aprendizagem através das práticas de ensino da língua tornam-se significativos.

Nesse sentido, Alves (2016, p. 13) ressalva que:

O cordel em sala de aula proporciona muitos diálogos essenciais para a formação dos alunos. Enquanto narrativa próxima ao popular pode-se discutir a relação entre as diferentes formas de narrar e até mesmo denunciar realidades “quase invisíveis”. Diante disso é possível dialogar com o popular, o de rua, o da praça pública, uma vez que, encontra-se aí um outro olhar sobre o outro, um olhar não estatizado.

A partir dessa visão, compreendemos que o gênero cordel é um instrumento para a consolidação de um ensino efetivo, visto que torna a aprendizagem dos alunos significativa e, assim, valoriza e compreende que a língua não é homogênea, e por isso a variação lexical é inerente à língua portuguesa. Assim, os conteúdos passam a ter significado no processo de uso da língua, no que se refere à oralidade e à escrita. Desta forma, no próximo capítulo, abordaremos como a variação lexical está presente nos cordéis do autor Patativa do Assaré.

4 A PRESENÇA DA VARIAÇÃO LEXICAL EM DOIS CORDEÍIS DE PATATIVA DO ASSARÉ

Figura 5 - Patativa do Assaré



Fonte: Recanto Caipira (2023).⁵

Antônio Gonçalves da Silva, popularmente conhecido como Patativa do Assaré, nasceu no município de Assaré, Cariri cearense, em 05 de março de 1909. O poeta é filho do casal humilde de agricultores: Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva. Desde sempre, foi criado na simplicidade em um ambiente rural, para sobreviver precisou trabalhar desde cedo na roça, superando longas jornadas de trabalho árduo, condições precárias de serviços, sendo considerada uma pessoa sem recursos financeiros.

De acordo com Feitosa (2013), o poeta não teve muito tempo dedicado à escola, mas, mesmo com pouca instrução escolar, foi capaz de ganhar destaque na literatura popular brasileira, através de sua declamação peculiar e verdadeira, advinda da sua dura realidade enfrentada diariamente.

Com um ar sertanejo, mesmo em meio às lutas, trabalho árduo e toda a dificuldade que muitas famílias enfrentam, a poesia de Patativa do Assaré revela, de maneira popular, as pluralidades existentes no Sertão, ao mesmo tempo que manifesta a força e o amor para com seu pedaço de chão.

⁵ Disponível em: <https://images.app.goo.gl/CHwMTVhjKivAiSm29>. Acesso em: 02 nov. 2023.

A literatura de cordel é bastante marcada pela presença da variação linguística. Nas produções do poeta cearense Patativa do Assaré, percebemos de maneira nítida esta variação, de modo espetacular, haja vista que em seus versos as marcas da oralidade se manifestam na escrita. Neste capítulo, analisaremos dois cordéis: “Eu e o sertão” e “O poeta da roça”.

No cordel a seguir, “Eu e o sertão”⁶, o eu lírico demonstra grande apego a sua terra natal, homenageando de forma misteriosa o lugar pelo qual revela grande carinho, através das menções de afeto em cada verso. Assim, notamos que há uma presença constante e singela de total admiração.

Eu e o Sertão

Sertão, argúem te cantô,
 Eu sempre tenho cantado
 E ainda cantando tô,
 Pruquê, meu torrão amado,
 Munto te prezo, te quero
 E vejo qui os teus mistéro
 Ninguém sabe decifrá.
 A tua beleza é tanta,
 Qui o poeta canta, canta,
 E inda fica o qui cantá.

A variação linguística está presente no cordel acima de maneira explícita, manifesta-se nos versos, nos quais aparecem as marcas da oralidade, possibilitando que o cordel seja todo construído a partir destas marcas. Também é possível visualizarmos a presença dos diferentes metaplasmos que estão dispostos ao longo de todo o cordel.

Já no primeiro verso, em “cantô”, notamos a presença de uma apócope, pelo fato de apresentar uma queda de segmento sonoro no final. No terceiro verso, especificamente quando o poeta menciona o “tô”, identificamos o metaplasmo por aférese, pois temos uma queda no início e uma queda no final.

Seguindo adiante, no quarto verso, percebemos a presença da metátese, ou seja, a troca e deslocamento sonoro dentro da sílaba. Adiante, no quinto verso, a nasalização do u. No sexto verso, a monotongação redução do ditongo io em o. No sétimo verso apócope. Já no último verso, temos a presença do metaplasmo por aférese, a queda no início.

Deste modo, o cordel analisado apresenta, em quase todos os versos, a presença de

⁶ Disponível em: <https://poetisarte.com/autores/patativa-do-assare/eu-e-o-sertao/>. Acesso em: 23 set. 2023.

metaplasmos e, ao longo de todo ele, a variação lexical. O que torna esta poesia primordial para ser trabalhada em sala de aula nos diversos anos de ensino, através de estratégias que possibilitem o ensino da leitura, escrita e das diversas questões que envolvem a construção do saber em sala de aula, a partir das relações diretas com a sociedade.

No cordel a seguir, que tem como título “O poeta da Roça”⁷, um dos cordéis mais conhecidos de Patativa do Assaré, há a presença de um eu lírico que, mais uma vez, ressalta o lugar onde vive, através da menção das coisas simples que ele conhece e da referência ao Sertão, representado através das reais marcas da oralidade.

O Poeta da Roça

Sou fio das mata, cantô da mão grossa
Trabaio na roça, de inverno e de estio
A minha chupana é tapada de barro
Só fumo cigarro de paia de mio

Sou poeta das brenha, não faço o papé
De argum menestrê, ou errante cantô
Que veve vagando, com sua viola
Cantando, pachola, à percura de amô

Não tenho sabença, pois nunca estudei
Apenas eu sei o meu nome assiná
Meu pai, coitadinho! Vivia sem cobre
E o fio do pobre não pode estudá

Meu verso rastero, singelo e sem graça
Não entra na praça, no rico salão
Meu verso só entra no campo, na roça
Na pobre paióça, da serra ao sertão

Só canto o buliço da vida apertada
Da lida pesada, das roça e dos eito
E às veiz, recordando feliz mocidade
Canto uma sodade que mora em meu peito

Eu canto o cabôco com suas cassada
Nas noite assombrada que tudo apavora
Por dentro das mata, com tanta corage
Topando as visage chamada caipóra

Eu canto o vaquêro vestido de côro
Brigando com o tôro no mato fechado

⁷ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/patativa-do-assare/872145/>. Acesso em: 24 set. 2023.

Que pega na ponta do brabo novio
Ganhando logio do dono do gado

Eu canto o mendigo de sujo farrapo
Coberto de trapo e mochila na mão
Que chora pedindo socorro dos home
E tomba de fome sem casa e sem pão

E assim, sem cobiça dos cofre luzente
Eu vivo contente e feliz com a sorte
Morando no campo, sem vê a cidade
Cantando as verdade das coisa do norte

Um das principais características dos cordéis do poeta Patativa do Assaré é trazer em seus versos fortes marcas da oralidade, ou seja, representar de forma escrita a forma de como o homem simples costuma se comunicar com as outras pessoas, assim seus escritos são dotados de significação e de expressividade.

Neste cordel acima, é possível encontrarmos a presença de muitos metaplasmos que aqui serão analisados por estrofes, já que em quase todas elas podemos encontrar estes processos. Na 1ª estrofe do cordel, no primeiro e segundo versos, temos a despalatização fio, trabaio, paia e mio, que é percebida através da queda do lh; já com relação à presença dos metaplasmos, temos no terceiro verso, outro, que é a monotongação presente no exemplo: chupana em vez de choupana.

Adiante, na segunda estrofe, o poeta permanece com sua marca da oralidade.

Sou poeta das brenha, não faço o papé
De argum menestrê, ou errante cantô
Que veve vagando, com sua viola
Cantando, pachola, à percura de amô

Analisando esta estrofe, podemos perceber que há uma variedade de metaplasmos, sendo eles representados pelos exemplos: papé, menestrê, cantô, amô, todos metaplasmos por apócope. Rotacismo presente no vocábulo argum, que é a troca do l por r. Veve, um exemplo bastante presente nos cordéis do autor, que a assimilação do i pelo e, e também Percura, metátese e assimilação do o pelo e.

Não tenho sabença, pois nunca estudei
Apenas eu sei o meu nome assiná
Meu pai, coitadinho! Vivia sem cobre
E o fio do pobre não pode estuda

Na estrofe mostrada acima, temos a mesma presença da variação lexical, o que torna o cordel prático para ser trabalhado nas aulas que têm como tema a variação linguística. E ao buscamos os metaplasmos, detectamos a apócope, presente nas palavras assiná e estuda.

Meu verso rastero, singelo e sem graça
 Não entra na praça, no rico salão
 Meu verso só entra no campo, na roça
 Na pobre paióça, da serra ao sertão

Como notamos ao longo do poema, são muitos os exemplos tanto de marcas da oralidade quanto da presença dos metaplasmos no cordel. Na estrofe acima, identificamos a monotongação em “rastero” (no primeiro verso da estrofe acima), e também um exemplo de despalatização em “paióça” (no último verso da estrofe acima).

Só canto o buliço da vida apertada
 Da lida pesada, das roça e dos e dos oito
 E às veiz, recordando feliz mocidade
 Canto uma sodade que mora em meu peito

No primeiro verso da estrofe acima, notamos a presença da aférese em buliço em vez de (rebuliço); “veiz,” a ditongação na palavra da vogal e. Há também a assimilação e monotongação de sodade (saudade), presente no último verso da estrofe.

Eu canto o cabôco com suas cassada
 Nas noite assombrada que tudo apavora
 Por dentro das mata, com tanta corage
 Topando as visage chamada caipora

Novamente notamos a presença da aférese e desnazalização nas palavras corage e visage. Assim, também, como a presença da síncope, representada na palavra caboco (caboclo), logo no primeiro verso da estrofe.

Eu canto o vaquêro vestido de côro
 Brigando com o tôro no mato fechado
 Que pega na ponta do brabo novio
 Ganhando logio do dono do gado

Na última estrofe, temos a monotongação em vaquêro (vaqueiro), côro (couro), tôro (touro); despalatização em “novio” (novilho) e aférese em “logio” (elogio). Desta forma, nos

dois cordéis de Patativa do Assaré, é possível encontramos a variação lexical presente na maioria ou em quase todos os versos.

Pensar no ensino é propor novas ideias que colaborem para esta prática em sala de aula. Sabemos que há um grande acervo de estratégias de ensino voltadas para aulas de LP e, por consequência, também para o gênero cordel. A fim de aumentar este acervo, o próximo tópico apresenta uma SD com o gênero cordel para alunos do 7º ano do Ensino Fundamental.

4.1 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO

O ensino em sala de aula requer muitas estratégias de ensino a fim de colocar o aluno como ator direto no processo de ensino aprendizagem. Com isso, é necessário deixar para trás o velho ensino tradicional, pautado apenas na codificação e decodificação, ao inserir nas rotinas didáticas pedagógicas propostas de ensino contextualizado que valorize as práticas de comunicação presentes nos variados contextos.

Visando este ensino, é papel do professor relacionar estas estratégias ao ensino da variação linguística para que o aluno compreenda a importância do estudo destes gêneros, a exemplo do cordel, para sua formação, além de valorizar todas as formas orais ou escritas da linguagem.

Uma das estratégias de ensino bastante debatida e inserida nas aulas de LP é o uso da sequência didática. Deste modo, a partir do modelo de sequência didática elaborado por Schnewly e Dolz (2010), propomos uma SD com o gênero cordel para alunos do 7º ano do Ensino Fundamental.

Quadro 1 – Sequência didática

O CORDEL EM SALA DE AULA	
PÚBLICO-ALVO: turmas do 7º ano do Ensino Fundamental II	
TEMPO ESTIMADO: 6 h/aulas	
INTRODUÇÃO	
<p>O cordel é uma ótima opção para trabalhar a variação linguística em sala de aula e auxiliar no processo de ensino da leitura e da escrita, através de atividades que contemplem a importância desse conhecimento nas práticas de leitura e escrita. É importante inserirmos o gênero em sala de aula, não apenas como um recurso interpretativo, mas através das inúmeras possibilidades que o ensino contempla.</p> <p>Desta forma, a presente proposta de ensino busca inserir, nas aulas do 7º ano do Ensino Fundamental, atividades que mostrem aos alunos a importância de valorizar a linguagem popular, linguagem esta que eles já têm contato, mas que necessitam de uma compreensão mais ampla. Assim, os cordéis podem chamar a atenção dos discentes por mostrar de maneira sucinta um sentimentalismo descrito de maneira simples com as marcas notórias da oralidade.</p>	
OBJETIVO GERAL	
-Reconhecer e valorizar a poesia popular para a formação leitora e crítica do aluno.	
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	
<ul style="list-style-type: none"> - Debater sobre os temas presentes nos poemas; - Apresentar através dos cordéis de Patativa do Assaré a variação lexical; -Realizar atividades que envolvam a leitura e análise das variações; 	
METODOLOGIA	
<p>As aulas acontecerão de maneira expositiva e dialogada, possibilitando ao aluno participar ativamente, expondo sua opinião, compartilhando os conhecimentos prévios que cada um possui. As aulas contarão com o uso de apresentação de slides, exposição de cordéis, áudios e outros recursos didáticos que possibilitarão a realização desta sequência didática.</p>	
Apresentação da situação	
<p>Para o início desta sequência, logo em um primeiro momento, é necessário que o professor construa um ambiente acolhedor, ou seja, construa um varal simples em sala de aula com a presença de cordéis de Patativa do Assaré, que poderão estar impressos em folha A4. Também poderá levar imagens com xilogravuras, para que, ao chegar à sala, o aluno já</p>	

se depare com o ambiente que desperte a curiosidade para saber do que se trata.

Depois dos alunos observarem o cenário montado, o professor apresentará o tema da aula e, de forma resumida, contará o que acontecerá. Fará primeiro a leitura de um cordel de Patativa do Assaré e iniciará a discussão a partir desse cordel escolhido por ele.

Depois, o professor dividirá a sala em duas grandes equipes e, para cada uma delas, entregará um cordel de Patativa do Assaré, para uma equipe será o cordel “Eu e o sertão” e para a outra equipe o cordel intitulado “O poeta da roça”, ou outro cordel.

Cada equipe deverá ler o poema e destacar o que mais chamou sua atenção, além de realizar de forma oral uma interpretação do poema lido. Depois, o professor realizará algumas indagações, como: se já haviam escutado alguma palavra presente no poema ? Ouviu de quem? Em que situação? Sabe o significado destas palavras?

Estas perguntas ajudarão a criar um debate para que os alunos percebam como este tipo de variação está presente no dia a dia. Após isto, o professor deve solicitar que os alunos façam uma pesquisa com algum parente ou conhecido sobre o tema para ser trabalhada na aula seguinte.

Produção inicial

Nesta aula, os alunos compartilharão as palavras que coletaram na pesquisa que realizarão em casa, o professor explicará que cada aluno deverá construir um cordel, com as palavras que trouxeram, é claro, todas escritas com a marca da oralidade.

A produção será livre, sem limite de estrofes ou versos, os alunos ficarão à vontade para produzir os cordéis ou até mesmo um texto em prosa baseado na variação lexical encontrada nas pesquisas, a depender das habilidades que cada um já possui. É importante destacarmos que, antes disto, o professor exibirá um slide para auxiliar na produção do cordel, com explicação e uma mais detalhada dos dois poemas de Patativa do Assaré.

Módulo: Apresentação

Aqui o professor poderá realizar algumas sugestões para modificação dos cordéis, os alunos reescreverão e deixarão expostos na sala de aula para que outros alunos possam visualizar e apreciar as produções.

Produção final (01 h\aula)

Neste momento, o professor solicitará que os alunos formem uma roda de leitura para a exposição das produções dos cordéis, cada aluno fará a leitura e de forma breve uma apresentação do tema da sua produção.

Apresentada a proposta, é importante destacarmos que esta pode ser adaptada ou modificada de acordo com a realidade de cada contexto escolar. Assim, esperamos que as sugestões aqui dadas possam contribuir com o ensino da variação linguística e da valorização do cordel e da presença da oralidade na escrita.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender as múltiplas maneiras de comunicações, ou seja, a variação linguística existente na nossa língua, é poder valorizar as diversas formas de se expressar, ao mesmo tempo que podemos evitar o preconceito linguístico advindo de uma visão apenas normativa da língua a partir do certo ou errado.

Já que os estudos da língua vão muito além da norma padrão, é possível percebermos muitas outras formas de abordagem da linguagem, a exemplo da literatura de cordel, que exprime uma valorização da cultura popular, mostrando, em especial aos discentes a importância de conhecermos a nossa bagagem cultural e histórica.

Desse modo, quando levado à sala de aula, o gênero cordel possibilita aos alunos saberem que o que se ouve em rodas de conversas familiares deve ser valorizado, e que o uso da língua em situações informais entre pais ou avós não deve, em hipótese alguma, ser excluído ou menosprezado, e para isso é necessário que a escola apresente o gênero a partir do desenvolvimento de múltiplas atividades.

De modo geral, a temática abordada nesta pesquisa foi desenvolvida a partir da metodologia adotada, que assegurou discussões pertinentes sobre o tema. Com isso, o objetivo geral de analisar a variação lexical no cordel foi alcançado a partir do desdobramento de todos os objetivos específicos definidos.

Com isto, elucidamos a influência direta do latim, a priori, na formação do léxico, com o intuito de atenuar a propagação do preconceito linguístico. Nessa perspectiva, conseguimos esclarecer a importância da inserção da cultura popular, no caso o gênero cordel, no ambiente escolar, a fim de perceber a importância do ensino da variação linguística.

Vale destacar que, ao mencionarmos a inserção do gênero, é possível que este seja trabalhado de inúmeras formas, pois há uma variedade de estratégias de ensino que inserem o aluno no processo de ensino/aprendizagem através do desenvolvimento de atividades elaboradas pelo docente.

Concluimos então, visto que apresentamos uma proposta de ensino pautada em uma sequência de atividades que coloca o aluno como ator do seu conhecimento linguístico, tendo o professor apenas como mediador. Deste modo, é primordial o desenvolvimento de novas propostas que abordem a temática aqui definida e, por isso, essa pesquisa não é conclusiva.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Maria Cristina. **História da língua portuguesa**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6963916-Historia-da-lingua-portuguesa.html>. Acesso em: 10 fev. 2022.
- ANTUNES, Ricardo; RIDENTI, Marcelo. Operários e estudantes contra a ditadura: 1968 no Brasil. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, v. 12, n. 2, p. 78-89, 2007.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. Edições Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. 49° Ed., São Paulo, Editora Loyola, 2007.
- BAGNO, Marcos. Norma linguística, hibridismo e tradução. *Traduzires*, v. 1, pág. 19-32, 2012.
- BOTELHO, José Mario. Um pouco da história externa da Língua Portuguesa. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. XVII, n. 9, 2013, p. 144-155. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvii_cnlf/cnlf/09/12.pdf. Acesso em: 19 ago. 2023.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: MEC/SEB,2017**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 22 out. 2023.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim. Matoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CAMPOS, Raymundo Carlos Bandeira. **História do Brasil**. — 2. ed. — São Paulo: Atual, 1991.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. **Iniciação ao latim**. São Paulo: Ática, 2000.
- CARVALHO, José Murilo de. Meu nome é Brasil - O Brasil e seus nomes. **Revista de História da Biblioteca nacional**. Ano 2, n. 15. Dez./2006.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens*, 6.9 ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2015.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.
- DOLZ, Joaquim; Noverraz, Michelle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. de Roxane Rojo e Glaís Cordeiro. 2. ed. Campinas, Mercado de Letras, 2010. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5794503/mod_resource/content/1/DOLZ%3B%20NOVERRAZ%3B%20SCHNEUWLY.%20Sequ%C3%Aancias%20Did%C3%A1ticas%20para%20o%20oral%20e%20para%20a%20escrita%20apresenta%C3%A7%C3%A3o%20de%20um%20procedimento.pdf. Acesso em: 10 out. 2023.

FEITOSA, Márcia Manir Miguel; LIMA, Renata Ribeiro. A Paisagem Cultural em João Cabral de Melo Neto: as vivências do Capibaribe. *Linha D'Água*, v. 26, n. 1, p. 50-66, 2013.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GONÇALVES, Carlos Alexandre; DA SILVA, João Carlos Tavares. Sobre o estatuto de-nte: evidência de um continuum flexão-derivação para a mudança morfológica do latim ao português. *LaborHistórico*, v. 6, n. 1, p. 57-83, 2009.

HERMAN, József. **Le latin vulgaire**. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.

ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos. (No Title), 2009.

LEITE, Leni Ribeiro; CASTRO, Marihá Barbosa. **O ensino de língua latina na Universidade brasileira e sua contribuição para a formação do graduando em Letras**. In: *Organon*, v. 29, n. 56. Porto Alegre: 2014. p. 223-244. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/43622>. Acesso: 20 ago. 2023.

MARINHO, Marcelo; SILVA, David. Anastasia e pervivência em João Guimarães Rosa: *vita brevis, ars longa*. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, v. 28, n. 1, p. 253-281, 2009.

MEDEIROS, Irani. **No reino da poesia sertaneja**: antologia Leandro Gomes de Barros. JoãoPessoa: Editora Universitária, 2003.

MORSE, Richard McGee. **O espelho de próspero**: cultura e ideias nas Américas. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

NUNES, Josias de Oliveira. *Galego-português: para uma intervenção em sala de aula*. 2018.

PILETTI, Nelson. **História e vida integrada**. São Paulo: Ática, 2002.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIEMANN, Othon. **Syntaxe latine**. Paris: Klincksieck, 1927.

SILVA, Silvio Profirio et al. Literatura de cordel: linguagem, comunicação, cultura, memória e interdisciplinaridade. *Ráido-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD*, v. 4, n. 7, p. 303-322, 2010.

SOUZA, Elisa Maria Pinheiro; PENA, Waldinett Nascimento Torres (org.) **Língua latina**: estudos teóricos para a prática. Belém: EDUEPA, 2020. Disponível em: https://paginas.uepa.br/eduepa/wp-content/uploads/2020/11/lingua_latina.pdf. Acesso em: 09 mar. 2023.

VIDOS, Benedek Elemér. **Manual de linguística românica**. Trad. José Pereira da Silva, com revisão técnica de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.